



## CORPO, TERRITÓRIO E RELIGIÃO: LEITURAS E TRAMAS

BODY, TERRITORY AND RELIGION:  
READINGS AND WEAVINGS

Nancy Cardoso\*

**Resumo:** Esta reflexão tem duas motivações: (1) compartilhar textos de referência sobre território a partir do trabalho de educação popular com a Comissão Pastoral da Terra e os movimentos de mulheres camponesas, pescadoras, quilombolas, ribeirinhas e outras; (2) visualizar nas tramas de corpo e território a presença, as variações e os deslocamentos da religião, em especial para as mulheres e o feminismo.

**Palavras-chave:** Território. Corpo. Religião. Feminismo.

**Abstract:** This reflection has two motivations: (1) to share reference texts on territory from the work of popular education with the Pastoral Land Commission and the movements of peasant women, fisherwomen, quilombolas, riverside women and others; (2) visualize the presence, variations and displacements of religion in the weavings of body and territory, especially for women and feminism.

**Keywords:** Territory. Body. Religion. Feminism.

\* Teóloga ecofeminista, assessora da Comissão Pastoral da Terra e professora visitante na Universidade Metodista de Angola no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Religião e Teologia. E-mail: nancycptro@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Algumas palavras chegam devagar nos discursos e narrativas e logo ocupam um lugar privilegiado e necessário como se estivéssemos esperando por elas para dizer as realidades e as relações que antes não se pronunciavam: território é uma delas<sup>1</sup>!

O uso específico do termo “território” diz respeito à delimitação de uma área do espaço demarcada por fronteiras físicas e documentais expressando relação de posse e/ou propriedade.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator ‘territorializa’ o espaço.<sup>2</sup>

Por muito tempo a compreensão de território esteve associada aos interesses do Estado e a realização de programas histórico-políticos que se confundiam com a apropriação do espaço pelas classes dirigentes. *O espaço é, de certa forma, “dado” como se fosse uma matéria-prima*<sup>3</sup>; neste sentido, o território produzido a partir do espaço. O papel da geografia crítica – a partir dos anos de 1970 – foi suspender as idealizações e normatividades do território, revelando o caráter autoritário e elitista das formas consensuais que o território (nacional, econômico, político...) assume historicamente como *sentido de construção social*<sup>4</sup>.

De modo importante no Brasil, em plena ditadura militar (1964-1984), se consolidaram formas plurais de territorialidade, questionando a ideia de território como posse exclusiva do Estado. A realização de um programa militar e a negação de um acesso democrático sobre o espaço evidenciou pertencas territoriais que não se encaixavam na narrativa do poder. A resistência a partir do “lugar” (bairro, fábrica, floresta, roça, aldeia, rua...) se moveu entre os avanços teórico-acadêmicos e as práticas de base de re-organização da sociedade.

La preocupación con la territorialidad se debe a su importancia, patente tanto en la frecuencia de movimientos sociales organizados en base territorial, como en

<sup>1</sup> Para uma avaliação do uso de “território” em diversas ciências cf.: BIAS FORTES, Gabriel. Reflexões sobre o território: ideias a serem exploradas a partir do diálogo da geografia com outras ciências, **Geo UERJ**, [S.l.], n. 33, p. e35973, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2018.35973>.

<sup>2</sup> RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. (3ª parte). p. 5. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/332764/mod\\_resource/content/1/Por%20uma%20geografia%20do%20poder%20%281%29.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/332764/mod_resource/content/1/Por%20uma%20geografia%20do%20poder%20%281%29.pdf). Acesso em: 07 abr. 2023.

<sup>3</sup> RAFFESTIN, 1993, p. 2

<sup>4</sup> FUINI, Lucas Labigalini. Resgate do território na geografia: uma reflexão sobre obras e autores. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 1-33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/download/18092/19955/115203>. Acesso em: 07 abr. 2023.



las propuestas alternativas para el desarrollo regional que privilegian el desarrollo de abajo para arriba y el fortalecimiento de la 'pequeña' región.<sup>5</sup>

O território é entendido como o suporte material e imaterial de modos de vida que elaboram estratégias socioculturais e econômicas complexas da vida cotidiana de caráter “relacional, processual e multiescalar”<sup>6</sup> e conflitual, uma vez que disputa as narrativas e os modos de organização do/sobre “espaço”:

- 1) Jurídico-política, quando o território é entendido como um espaço delimitado e controlado por um poder, especialmente estatal;
- 2) Cultural, onde o território é visto como produto de apropriação feito através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço;
- 3) Econômica, quando o território é encarado como produto espacial do embate entre:
  - a) Classes sociais e da relação entre classe-trabalho<sup>7</sup>;
  - b) Esta disputa de narrativas evidencia variações territoriais, modo de ocupar, dar sentido e usar o espaço que deixa de ser um abstrato homogêneo para ser a base material dos conflitos sociais.

## VARIAÇÕES TERRITORIAIS

O conceito “território” foi apropriado por diversas disciplinas exigindo uma perspectiva interdisciplinar do tratamento de diversos saberes criando abrangências sociológicas, antropológicas, nas ciências da saúde, nas ciências jurídicas, na educação, na assistência social entre outras<sup>8</sup>. As variações de tipologias territoriais aparecem com mais frequência nos trabalhos críticos a partir de 1990 como por exemplo, sobre os territórios de prostituição<sup>9</sup>, acerca da

<sup>5</sup> BECKER, Berta K. El uso político del territorio. Consideraciones a partir de una visión del tercer mundo. **Revista Geográfica De América Central**, Heredia, v. 2, n. 17-18, p. 13-26, 1983. p. 20. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/3014/2882>. Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>6</sup> SAQUET, Marcos Aurelio. Abordagens e concepções de território e territorialidade. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, n. esp. EGAL, p. 1-16, 2011. Disponível em: <https://poscomufes2014.files.wordpress.com/2014/05/abordagens-e-concepc3a7c3b5es-de-territc3b3rio1.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

<sup>7</sup> HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 07 abr. 2023.

<sup>8</sup> LEAL, Adílio Alves; FONSECA, Gildete Soares. Território: categoria geográfica das múltiplas perspectivas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009. Montevideu. **Anais [...]**. Montevideu: Universidade da República, 2009. p. 1-12. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/10.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

<sup>9</sup> RIBEIRO, Miguel; MATTOS, Rogério. Considerações sobre os territórios da prostituição de rua na área central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 57-79, 1995. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4785835.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

territorialidade pentecostal<sup>10</sup>, as “geo-sambalidades”<sup>11</sup>, territórios de agroecologia<sup>12</sup>, território gay no esporte<sup>13</sup> e territórios da luta antifascista<sup>14</sup> entre outros.

Dessa forma, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva.<sup>15</sup>

A diversidade do uso de “território” como categoria crítica, analítica e interpretativa – incorporando também os modos simbólicos e as resistências ao controle colonial e neocolonial do espaço – não pode desperceber algumas armadilhas que já foram apontadas pela pesquisa no tempo e espaço latino-americano:

A partir desses parâmetros, identificamos como ‘armadilhas’ a serem abordadas aquelas relativas ao:

- território desistoricizado/naturalizado (o ‘território sem tempo’);
- território desmaterializado – ou, por outro lado, unicamente material;
- território analítico [como mera categoria de análise], sem prática;
- território do poder [apenas] estatal e do território-zona, sem rede.<sup>16</sup>

As reduções e idealizações apontadas dizem respeito ao território sem história, o território como infraestrutura, o território sem práxis e o território refém do Estado e sua classe no poder.

Trabalhar “território” significa enfrentar as práticas normativas de controle do espaço e do tempo, os mecanismos jurídicos de redução do “lugar” a um projeto nacional, uma idealização

<sup>10</sup> MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 4, p. 36-49, 1997. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.1997.6773>.

<sup>11</sup> LOPES, Wallace. “GEO-SAMBALIDADES”: um ensaio sobre territórios, redes e circuitos a partir de Deleuze. **Ensaio Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 75-90, 2011. Disponível em: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/LOPES\\_Wallace.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/LOPES_Wallace.pdf). Acesso em: 08 abr. 2023.

<sup>12</sup> MATTOS, Jorge L. Schirmer de; GERVAIS, Ana M. Dubeux (org.). **Agroecologia e Territórios do Semiárido: Construindo resistências, diálogos de saberes e interdisciplinaridade**. Recife: EDUFRPE, 2019. Disponível em: <https://ppgadt.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2021/03/ANAIS-1-SEADDET.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

<sup>13</sup> CHAVES, Paula Nunes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Resistência *queer*: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-244, jan./mar. 2015. DOI: 10.5216/rpp.v18i1.32733.

<sup>14</sup> BARTZ, Frederico Duarte. Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937). **Cantareira**, Niterói, n. 34, p. 353-365, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/44394/28080>. Acesso em: 08 abr. 2023.

<sup>15</sup> HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 38. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15086/Des-territorializacao-e-identidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 abr. 2023.

<sup>16</sup> HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021. p. 219. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.



de nação e da manutenção da propriedade privada da terra. Neste sentido desmaterializar a compreensão de “território” significa evitar o conflito e aceitar as demarcações histórico-geográficas desenhadas e mantidas pelos projetos colonial e de neocolonialidade. Uma aproximação feminista do(s) território(s) não evita o conflito e não aceita as cartografias do patriarcado<sup>17</sup>.

A retomada da concepção de territorialidade por dentro das teorias críticas latino-americanas faz essa ruptura com o discurso normativo das fronteiras do poder e saber e se arrisca com as r-existências dos povos indígena, quilombola, sem-terra, das periferias urbanas e outras formas de disputa e afirmação do direito ao lugar, acesso à natureza e modos de organizar a vida material e simbólica.

Por isso, na ‘América Latina’, olhar primeiro para a geografia, para o espaço ou o território, como veremos, nunca é pensar o espaço apenas na abstração racional de sua funcionalidade, nem apenas na rigidez fria de sua materialidade. Espaço, entre muitos de nós que lutamos para fugir da colonização ‘progressista’/extrativista, está permanentemente densificado por outro tempo, por outra história...<sup>18</sup>

A possibilidade de uma leitura teológica e político-religiosa das relações corpo-território se dá nesse deslocamento de tempo, história e espaço insistindo na densidade material e simbólica da vida *permanentemente densificada*. De modo especial, para uma leitura feminista, é fundamental resgatar a r-existência das mulheres ao longo da história, tarefa que ainda não foi plenamente cumprida. O território acadêmico, da política e institucional, da religião e da economia continuam sendo espaço de controle patriarcal. As lutas territoriais feministas se expandem também para estes espaços de poder, não como anexação, mas como reinvenção de possibilidade que nos foram negadas. Uma outra forma de organizar a vida no território precisa desse outro tempo e outra história. “Foi-nos omitida a resistência das mulheres à invasão europeia nos territórios latino-americanos, à colonização, aos cercamentos de terras, à imposição da família nuclear, à apropriação e à destruição de seu corpo e seus saberes.”<sup>19</sup>

<sup>17</sup> FANTE, Eliege. “As mulheres têm pertencimento, por isso, defendem com intensidade o território”. **Fundação Rosa Luxemburgo**, São Paulo, 15 set. 2022. Disponível em: <https://rosalux.org.br/as-mulheres-tem-pertencimento-e-por-isso-defendem-com-intensidade-o-territorio/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

<sup>18</sup> HAESBAERT, 2021, p. 21-22.

<sup>19</sup> FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 25. Disponível em: <https://doceru.com/doc/151c585>. Acesso em: 14 abr. 2023.



## CORPO, TERRITÓRIO E FEMINISMO

Na América Latina dizemos de ecofeminismos territoriais e comunitários: a defesa do território é defesa do corpo ancestral e do corpo vivido em comunidade. É o ‘território corpo-terra’ em três dimensões de vida: o corpo pessoal, o corpo social e o corpo do mundo (planeta).

Vivir en un cuerpo y en el espacio territorial comunitario las opresiones histórico-estructurales creadas por los patriarcados sobre mi vida, al igual que sobre la vida de las mujeres en el mundo o, me ha llevado a escribir y repensar [...] algunos de los elementos del feminismo comunitario que aún en proceso de construcción epistémica, se van tejiendo desde este territorio histórico; mi cuerpo y su relación con la tierra.<sup>20</sup>

Para os ecofeminismos territoriais e comunitários a defesa do território é defesa do corpo ancestral e do corpo vivido em comunidade na simultaneidade do corpo pessoal, no corpo social e o corpo do mundo (planeta). As mulheres da Via Campesina identificam uma relação sistêmica entre a violência contra a terra e a violência contra as mulheres e os povos: feminicídio, ecocídio e etnocídio marcam a história da colonização dos povos e territórios do sul do mundo e se atualizam em neocolonialismos extrativistas e na persistência da fome dos povos.

Estas vivências feministas em diálogo com as geografias latino-americanas contribuíram para estabelecer, também teoricamente, o campo da geografia feminista e decolonial:

No entanto, como não basta pensar no feminino, o debate sobre o corpo-território é apresentado, mostrando o potencial geográfico desse conceito que nasceu no seio das lutas de mulheres originárias e camponesas e depois ingressou no mundo acadêmico. Dessa forma, a partir da experiência situada dessas mulheres latino-americanas, podemos dar novas camadas ao conceito de território, tendo em vista a construção de uma Geografia feminista e descolonial.<sup>21</sup>

A perspectiva de gênero das lutas territoriais articula as vivências dos corpos ao território: o giro decolonial para as mulheres – em especial indígenas, afro e camponesas – precisa enfrentar o duplo disciplinamento do corpo de mulher e do corpo da terra como mecanismo central do patriarcado colonial e neocolonial de reprodução das estruturas elitistas de acesso à natureza. As ecofeministas e as feministas territoriais “atentaram para o poder da

<sup>20</sup> CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción del pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. España: ACSUR-Las Segovias, 2010. p. 10-25. Disponível em: <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

<sup>21</sup> OLIVA, Victoria Ferreira. Do corpo-espço ao corpo-território: o que a Geografia Feminista tem a dizer? **Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 8, n. 17, p. 139-157, 2022. p. 143. DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v8i17.52313>.

corporeidade ao mesmo tempo como objeto de exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência”<sup>22</sup>.

Não se trata de manter a *naturalização da mulher* ou uma pretensa proximidade *essencial* da mulher com/na natureza<sup>23</sup>. A organização social de mulheres no campo e na cidade na defesa dos territórios de vida tem como elemento vital a negação das cartografias patriarcais e elitistas e se levanta como um questionamento potente contra o atual modelo de extrativismo intensivo da natureza e do trabalho. Os materiais de recusa e rebeldia juntam as vivências de sobrevivência nas periferias do capitalismo e as sabedorias ancestrais – modos de saber das culturas oprimidas.

Como construir um feminismo sem levar em consideração as epistemologias originárias? Sem absorver as gramáticas de lutas e os levantes emancipatórios que acompanham nossas histórias? Como podemos reconsiderar as fontes e conceitos do feminismo ocidental? Uma nova história, novas solidariedades, novos territórios epistêmicos impõem urgência em ser sonhados.<sup>24</sup>

O corpo marca topologicamente o mundo com interpelações que se constroem pelo afetivo-situacional (lugar de nascimento, lugar de pertença, lugar de reproduzir a vida, lugar conquistado, lugar defendido, lugar celebrado...)<sup>25</sup>. O corpo marca o lugar e o lugar marca o corpo; o corpo-pessoal na relação com o corpo-social estrutura e é estruturado; o corpo-pessoal na relação com o corpo-social organiza a relação com o corpo-do-mundo criando acessos e interações com a natureza.

Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição nesse lugar.

<sup>22</sup> HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532/144946>. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>23</sup> PULEO, Alicia H. Anjos do ecossistema? *In*: FÁRIA, Nalu; MORENO, Renata (org.). **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF – Sempre Viva Organização Feminista, 2012. p. 29-50. Disponível em: [https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2017/07/An%C3%A1lises-feministas\\_outro-olhar-sobre-a-economia-e-a-ecologia.pdf](https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2017/07/An%C3%A1lises-feministas_outro-olhar-sobre-a-economia-e-a-ecologia.pdf). Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>24</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 13. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/870530/mod\\_resource/content/0/Heloisa%20Buarque%20de%20Hollanda%20-%20Pensamento%20Feminista%20Hoje%20-%20Perspectivas%20decoloniais-Bazar%20do%20Tempo%20%282020%29.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/870530/mod_resource/content/0/Heloisa%20Buarque%20de%20Hollanda%20-%20Pensamento%20Feminista%20Hoje%20-%20Perspectivas%20decoloniais-Bazar%20do%20Tempo%20%282020%29.pdf). Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>25</sup> CARDOSO PEREIRA, Nancy. **Palavras se feitas de carne** – leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. São Paulo: Católicas pelo Direito a Decidir, 2003. p. 41-42. Disponível em: <https://catolicas.org.br/books/palavras-se-feitas-de-carne-leitura-feminista-e-critica-dos-fundamentalismos/>. Acesso em: 11 abr. 2023.



Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência.<sup>26</sup>

Este espaço de pertencimento não se entende como propriedade ou domínio. As mulheres do feminismo indígena dizem da relação corpo-território-terra “*acuerpamento*”: provocar o desmonte da cartografia patriarcal e elitista sobre o território e os corpos, resgatar a memória corporal ancestral para tecer sua própria história. Sentir, pensar, decidir e ativar novas práticas eróticas de prazer, arte, palavra, lazer e descanso, cura interior, rebeldia, alegria<sup>27</sup>. O feminismo nasce e se recria nas lutas anticolonial de defesa de povos e territórios no diálogo e aprendizagem com os modos de saber e de fazer das mulheres pobres de territórios urbanos e do campo.

[...] a relação dos corpos com a natureza é uma relação recíproca, é uma relação que faz a vida, que tece a vida, portanto, os corpos não têm poder sobre a natureza e a natureza não tem poder sobre os corpos... Nenhuma proposta feminista será politicamente sustentável se não ligar a emancipação dos corpos da emancipação da natureza.<sup>28</sup>

Qual o lugar da religião nesta emancipação – dos corpos e natureza? Redimensionado o território e reinventado os corpos qual seria, ou poderia ser, o lugar da religião, em especial para as mulheres?

## TERRITÓRIO E RELIGIÃO

A presença da religião nas r-existências vem sendo estudada de maneira significativa como “forma de conhecimento como ação no mundo da cultura”<sup>29</sup>. Entre as tarefas de uma

<sup>26</sup> KRENAK, Ailton. “Siempre estuvimos en guerra”. Entrevista concedida a Ana Paula Orlandi. **Humboldt – Revista de cultura digital del Goethe-Institut en Sudamérica**, mar. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/es/dos/zug/21806968.html>. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>27</sup> CABNAL, 2010.

<sup>28</sup> CABNAL, Lorena. A recuperação do corpo como território de defesa. Entrevista concedida a Juliana Bittencourt. **Revista Eletrônica Geni**, [S.l.], n. 26, 2015. [n.p.]. Disponível em: <https://revistageni.org/10/a-recuperacao-do-corpo-como-territorio-de-defesa/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

<sup>29</sup> Sobre a relação entre religião, território e poder cf., LIMA, Paulo A. Dias; BAHIA, Mirleide Char. Religião, território e poder: notas teóricas para o debate sobre grupos religiosos. **Paper do NAEA**, Belém, v. 28, n. 3 (460), p. 1502-1514, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/8417/6157>. Acesso em: 03 abr. 2023.; sobre geografia da religião cf.: GIL FILHO, Sylvio Fausto. O Espaço Sagrado. **Revista Senso**, Belo Horizonte, n. 16, maio/jun. 2020. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/o-espaco-sagrado/>. Acesso em: 03 abr. 2023.



geografia da religião estariam a investigação da diversidade religiosa, os modos de organização de grupos envolvidos e a estrutura espacial projetada criando “paisagens religiosas”<sup>30</sup>.

Estas cartografias não desprezam – e nem poderiam – o que se chama de trânsito religioso, a mobilidades dos modos de crença e as rupturas incompletas (em que se mantém elementos híbridos) ou a solução de continuidade (“separação das partes de um todo, divisão, interrupção, dissolução”<sup>31</sup>). “Um dos fenômenos mais interessantes do pluralismo cultural e da partilha de códigos comuns é o trânsito religioso. A fluidez das fronteiras, também religiosas, favorece a mobilidade tanto cultural quanto religiosa.”<sup>32</sup>

Identificar e conhecer paisagens religiosas não são exercícios paralisados por identidades idealizadas. Trazer a dimensão territorial cria as condições para a visibilização do “território usado” em suas permanências e trânsitos: justamente porque é “usado” o território está vivo e os grupos humanos vão recriando suas condições de vida material e simbólica. O que não se pode é desprezar o “lugar”, a georreferência da realidade, o que significa perguntar pelas relações de poder e saber. A mudança de um grupo social de um terreiro de religião afro-brasileira para uma igreja neopentecostal altera a paisagem religiosa, mas não o “lugar” social concreto, o *território usado*. Este “lugar” (uma favela, uma periferia, proletariado, marginalidade, etc.) continua sendo o chão. Na compreensão de territorialidade se juntam as relações de classe, gênero, raça e outras.

A paisagem modificada não muda a realidade das pessoas e o que se estuda é justamente estas respostas culturais religiosas e sua interação com os quadros socioterritoriais mais amplos. Principalmente as relações ecogeográficas são determinantes: os modos de acesso à natureza e às condições de vida (água, terra, alimentação, etc.).

As religiões organizam espaços visíveis e invisíveis<sup>33</sup>. Esta simultaneidade espacial e simbólica foi explicada por Roberto DaMatta: existe uma identificação do espaço religioso pelos registros oficiais, nobres e das vozes mais cultas que acabam normatizando como a sociedade

<sup>30</sup> ROSENDAHL, Zeny. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-13, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734/5589>. Acesso em: 23 mar. 2023.

<sup>31</sup> INSTITUTO EUCLIDES DA CUNHA. **Mural de consultas**. Disponível em: [https://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=109&busca=#:~:text=Resposta%3A,\(de%20um%20trabalho\)%E2%80%9D](https://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=109&busca=#:~:text=Resposta%3A,(de%20um%20trabalho)%E2%80%9D). Acesso em: 23 mar. 2023.

<sup>32</sup> SCHIAVO, Luigi. Síntese e perspectiva. In: Moreira, Silva da A.; OLIVEIRA, de. D. I (org.). **O Futuro da Religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 171-178.

<sup>33</sup> SANTOS, Alberto Pereira dos. Introdução à Geografia das Religiões. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, p. 21-33, 2002. p. 25-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/download/123639/119854/232668>. Acesso em: 03 abr. 2023.



enxerga a si mesma – “Para os tradicionalistas, aqueles que têm olhos e não vêem, os deuses se acham nos sacrários, nas capelas e nos livros sagrados de reza e devoção”<sup>34</sup>.

A crítica sociológica torna evidente que este olhar elitista reflete sua própria imagem num espelho religioso classista e racista, o que reduz a paisagem religiosa às agências e equipamentos da religião hegemônica e, quando muito, alarga esta compreensão para algumas religiões e suas vozes e registros também nobres e cultas – de modo especial as que se mantêm no registro do monoteísmo seus templos e calendário religioso.

Como bem nos lembrou Elisa Pankararu, os preconceitos e as violências do fundamentalismo religioso estiveram presentes em todas as épocas da história do Brasil e ainda hoje:

Esse fundamentalismo religioso, que tem como base o monoteísmo, quando chega aos nossos territórios traz uma imposição, uma invasão uma violação às nossas formas harmônicas de viver. Ele atinge diretamente as harmonias dos nossos coletivos, agride e viola os nossos territórios, corpos e espíritos.<sup>35</sup>

Perguntar pela paisagem religiosa no Brasil exige mais que o exercício da crítica sociológica, exige o olhar complexo das relações de classe, etnia e gênero entre outras e seus conflitos que demarcam as fronteiras do que se vê e o que não-precisa-ser-visto, o que DaMatta chama de esse “outro mundo” demarcado por “[...] igrejas, capelas, ermidas, terreiros, centros espíritas, sinagogas, templos, cemitérios e tudo aquilo que faz parte e sinaliza as fronteiras entre o mundo em que vivemos e esse ‘outro mundo’”<sup>36</sup>.

Se na visão de DaMatta a simultaneidade complexa do campo cultural e religioso brasileiro se resolve com o “jeitinho”<sup>37</sup> de uma presumida identidade social, o desenvolvimento do campo religioso nos últimos anos revelou que um olhar descritivo sobre as paisagens religiosas não dá conta da enorme pressão e disputa de narrativas e de territórios de influência que atravessam este campo.

A religião faz parte dos espaços de disputas políticas, influencia narrativas econômicas e seus arranjos territoriais e se oferece como cenário de enfrentamento e de ocorrências de

<sup>34</sup> DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 8. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da\\_Matta-O\\_que\\_faz\\_Brasil\\_Brasil.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da_Matta-O_que_faz_Brasil_Brasil.pdf). Acesso em: 03 abr. 2023.

<sup>35</sup> PANKARARU, Elisa. Pronunciamento na Campanha Tire os Fundamentalismos do Caminho! Pela Vida das Mulheres. **Instituto PACS**, 17 ago. 2020. [n.p.]. Disponível em: <http://pacs.org.br/noticia/entidades-lancam-campanha-para-combater-fundamentalismo-religioso/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

<sup>36</sup> DAMATTA, 1986, p. 72-73.

<sup>37</sup> WACHELKE, João; PRADO, Alyssa Magalhães. A ideologia do jeitinho brasileiro. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 146-162, 2017. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2017.31400.



intolerância e violência – também espacial<sup>38</sup> – o que cria as condições de visualizar uma “guerra religiosa” em curso.

Em nosso país a intolerância religiosa não se expande somente como forma de tentativa de dominação de algumas vertentes religiosas sobre as demais, mas principalmente como uma forma de perseguição explícita, concreta e objetiva sobre instituições e centros religiosos ligados às camadas mais pobres e oprimidas do nosso povo. As práticas de intolerância religiosa também atuam na construção de narrativas culturais que discriminam e tentam obliterar a enorme contribuição das raízes africanas para nossa cultura: racismo.<sup>39</sup>

Uma perspectiva de gênero sobre a espacialidade da religião também depende das materialidades e suas visibilidades e invisibilidades. Se no projeto patriarcal colonial o cristianismo estendia o protagonismo de alguns homens também para o cenário público religioso – aliando os espaços político, militar, burocrático, econômico, cultural e religioso – a religião hegemônica também espacializava a participação das mulheres de modo eficiente, mas nem sempre homogêneo: o espaço doméstico se estendia ao espaço religioso mantendo a divisão sexual de trabalho e poder. Deste modo, o projeto colonial estendia sobre os corpos das mulheres<sup>40</sup> uma indiferenciação entre o público e o privado, marginalizando as mulheres do poder e naturalizando a servilidade.

No contexto colonial, o clã patriarcal foi a real fonte de poder, marcando entre nós o patrimonialismo, o patriarcalismo e o personalismo, sendo o espaço público formado pela invasão de /indiferenciação com elementos privados, dentre os quais o controle/exploração massivo, sistemático e violentíssimo de expressiva parcela das mulheres, donde se extrai que a relação patrimonialista e patriarcal é uma relação absolutamente gendrada.<sup>41</sup>

As mulheres, em especial das classes trabalhadoras, foram exiladas dos espaços de poder não somente nos usos dos espaços físicos e de representação, mas de modo contundente sofreram a colonização nos corpos.

<sup>38</sup> SANTOS, Lidia Ribeiro B. dos. **Da guerra santa ao racismo religioso: desdobramentos teóricos do conflito religioso em Salvador**. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34927/4/Lidia%20Bradymir%20PPGA-UFBA\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20v.%20repositorio%20%281%29.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34927/4/Lidia%20Bradymir%20PPGA-UFBA_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20v.%20repositorio%20%281%29.pdf). Acesso em: 07 abr. 2023.

<sup>39</sup> VIANNA, Sérgio Besserman. Apresentação. In: SANTOS, Carlos A. Ivanir dos; DIAS, Bruno Bonsanto; SANTOS, Luan Costa I. dos (org.). **II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: CEAP, 2023. p. 10. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250>. Acesso em: 05 abr. 2023.

<sup>40</sup> LACERDA, Marina Basso. **Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil**. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16570@1>. Acesso em: 09 abr. 2023.

<sup>41</sup> LACERDA, 2010, p. 9.

Apenas domesticando as mães que viviam concubinadas, amancebadas, amasiadas, prostituídas até então, poder-se-ia assegurar o estabelecimento de uma sociedade familiar nos moldes vigentes na tradição europeia. É a Igreja quem primeiro traz e empurra este projeto goela abaixo das populações coloniais.<sup>42</sup>

O papel da religião cristã no disciplinamento dos corpos e dos territórios na história do Brasil já vem sendo suficientemente estudados com um destaque importante para as analogias entre a terra e a mulher e a estruturação dos meios de produção e reprodução<sup>43</sup>. A insistência dos equipamentos de cultura e religiosos em projetar uma interação natural da mulher, em especial da mãe com a natureza, convive com processos históricos também persistentes de dominação e exploração tanto da natureza como também das mulheres de acordo com as estruturas de divisão sexual do trabalho e da distribuição do poder e da propriedade segundo as divisões de classe, gênero e raça<sup>44</sup>. Nas palavras de Ivone Gebara “O mundo doméstico, território das mulheres, não entraria na grande aventura de fazer acontecer a justiça, a solidariedade e a paz”<sup>45</sup>.

Entretanto, as espacialidades religiosas das mulheres sempre revelaram também estratégias plurais de r-existência<sup>46</sup>, complexificando a análise e exigindo uma percepção de corpo e território para além dos mecanismos formais. A pesquisa também vem diversificando as respostas de re-existências das mulheres no campo religioso com um deslocamento importante da compreensão do “religioso”.

Nessa trajetória das mulheres camponesas foi sendo construída uma mística feminina, feminista e libertadora [...] Essa mística se expressa em símbolos do movimento e, ao mesmo tempo na práxis coletiva das mulheres camponesas inseridas nele (MMC) [Movimento de Mulheres Camponesas].<sup>47</sup>

<sup>42</sup> DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUNB, 1993. p. 38. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nxn80>. Acesso em: 09 abr. 2023.

<sup>43</sup> LACERDA, 2010, p. 4.; ARRUDA, Angela. Representações das mulheres no imaginário brasileiro: da colonização ao surgimento da nação. **Caderno CRH**, Salvador, n. 33, p. 49-73, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18568>. Acesso em: 10 abr. 2023.

<sup>44</sup> CARDOSO PEREIRA, Nancy. Dos filhos deste solo não sou mãe nem gentil: do imaginário da mãe-terra à crítica eco-feminista. **Caminhos**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 123-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2790/1704>. Acesso em: 07 abr. 2023.

<sup>45</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997. p. 13. Disponível em: [http://www.est.edu.br/downloads/ppg/bibliografia/Teologia\\_ecofeminista\\_25\\_75\\_Gebara.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/ppg/bibliografia/Teologia_ecofeminista_25_75_Gebara.pdf). Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>46</sup> BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p. 201-226, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868>. Acesso em: 09 abr. 2023.

<sup>47</sup> CINELLI, Catiane; FREITAS, Antônia Tomé de; DAMASCENO, Thaise de Freitas. A construção da autonomia a partir da organização e formação: uma experiência no Pará. In: PULGA, Vanderléia Laodete *et al* (org.). **Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia**.

Superando os contornos religiosos confessionais ou denominacionais, os movimentos ecoterritoriais feministas criam espaços de celebração delas mesmas, da terra com que trabalham e vivem e a luta por direitos e dignidade. Como bem entenderam Angelin e Schnorrenberger: “Estes movimentos assumem características do ecofeminismo espiritualista do terceiro mundo, preservando a mística religiosa como parte fundamental de seus encontros e da luta”<sup>48</sup>.

A vivência e luta do território não se limita à posse da terra como instrumento de realização de objetivos econômicos e políticos. A formação e a mística dão conteúdo emocional e afetivo ao programa político ao criar canais para “expressar valores e sentidos para dentro e para fora do Movimento; atuar na ‘disputa de ideias’ e valores, constituindo-se, portanto, numa política do sentido”<sup>49</sup>.

As lutas pelo território deslocam as narrativas formais e hegemônicas religiosas e abrem espaço para a multiplicidade dos símbolos, acessam expressões locais de beleza e vitalidade colocando-as em contato com o caráter múltiplo da poesia, da música, da arte, da dança, do teatro e da literatura num processo contínuo de negociação de sentidos. “Mas a conformação do sagrado não é necessariamente religiosa”<sup>50</sup>.

O melhor aqui é contar uma história, dizer de um processo de mulheres e suas lutas, suas relações com o território, seus saberes se fazendo e a mística.

## CADERNETAS AGROECOLÓGICAS DAS CAMPONESAS NO BRASIL – VIDA COTIDIANA, MÍSTICA E TERRITÓRIO

No fim do dia a mulher se senta na varanda de casa e toma uma caderneta e uma caneta: ela vai registrar o que ela – camponesa do interior do Brasil – fez durante o dia. A vizinha também vai escrever e muitas outras mulheres na vizinhança e em diferentes regiões do país também. São as cadernetas agroecológicas! Num pequeno caderno elas vão registrar o “controle de produção” – o que elas produziram no “quintal” a cada dia:

---

Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018. p. 206-229. p. 212. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/mulheres-camponesas-pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

<sup>48</sup> ANGELIN, Rosângela; SCHNORRENBERGER, Neusa. Ecofeminismo e mística religiosa nos movimentos de mulheres camponesas no Brasil. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 5., 2017, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 612-626. Disponível em: <http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/viewFile/802/519>. Acesso em: 16 abr. 2023.

<sup>49</sup> CHAVES, Christine de Alencar. **A Marcha Nacional dos sem-terra**: Um estudo da fabricação do social. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 84. Disponível em: [http://nuap.etc.br/wp-content/uploads/2020/05/a\\_marcha\\_nacional\\_dos\\_sem\\_terra.pdf](http://nuap.etc.br/wp-content/uploads/2020/05/a_marcha_nacional_dos_sem_terra.pdf). Acesso em: 16 abr. 2023.

<sup>50</sup> CHAVES, 2000, p. 25.

CONSUMIU	DEU	TROCOU	VENDEU

No final da semana ela e sua caderneta se encontram com o grupo de mulheres e suas cadernetas na vila – no sindicato, no movimento ou na cooperativa – e elas conversam sobre o que conseguiram individualmente e planejam o que podem fazer coletivamente. Dentro de uns meses elas e suas cadernetas vão se encontrar com os movimentos de mulheres da região onde vivem e vão sistematizar o que aprenderam, o que descobriram, o que deu errado, o que pode melhorar.

Vão estudar juntas, buscar caminhos e conhecer técnicas e possibilidades: estudar temas como agricultura familiar e camponesa; divisão sexual do trabalho e divisão justa do trabalho doméstico; trabalho produtivo e reprodutivo; a invisibilidade das atividades das mulheres agricultoras; feminismos; agroecologia; violência contra as mulheres; machismo; patriarcalismo; relações de poder; crise climática e capitalismo, entre outros assuntos<sup>51</sup>. Elas vão fazer festa e dançar, trocar sementes, ensinar receita, organizar a luta em defesa dos territórios.

Voltam para casa com páginas novas de cadernetas usadas e com objetivos comuns e pessoais. Escrevem na caderneta elas mesmas, afirmam a resistência contra a concentração de terra e econômica no Brasil e aparecem lindas, fortes e lutadoras. Elas olham para o quintal, o espaço ampliado onde a casa se faz natureza, e escrevem na caderneta com letra miúda a grandeza dos trabalhos das mãos. “Quem disse que não somos nada que não temos nada para oferecer? Repare nossas mãos abertas trazendo as ofertas de nosso viver”<sup>52</sup>.

A economia patriarcal-capitalista além de explorar e alienar o trabalho, concentrar riqueza no campo e na cidade, também invisibiliza o trabalho das mulheres, de modo especial todo o trabalho produtivo e reprodutivo, de organização, distribuição e consumo que garante a vida das comunidades das majorias pobres no Brasil e no mundo.

De modo especial é a resistência, trabalho e criação das mulheres que fazem a vida possível, que alimentam quem o sistema deserdou na fome, que mantém as sementes crioulas preservadas apesar das ameaças de controle de patentes das grandes empresas, que

<sup>51</sup> D’OLIVEIRA, Maria do Carmo Soares. Adoção das Cadernetas Agroecológicas (CAS) no Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – Procace Paraíba. In: CADERNETAS agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020. Salvador: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020. p. 120-121. Disponível em: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Livro-Cadernetas-Agroecol%C3%B3gicas-e-as-Mulheres-do-Semi%C3%A1rido-resultados-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

<sup>52</sup> ZÉ VICENTE. **Ofertório do Povo**. [n.p.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-vice/1354487/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

preservam a sabedoria das ervas e a saúde local, as receitas antigas sempre renovadas no diálogo intenso com as plantas e os animais, os solos e chuvas. “A criatividade e a produtividade das mulheres são os fundamentos dos sistemas de conhecimento e das economias, apesar de ser invisíveis aos olhos do patriarcado capitalista”<sup>53</sup>.

Tudo isso acontece no “quintal”: um pedaço de terra, normalmente próximo à casa, coordenado pela mulher. O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do sul do Brasil diz assim do que se encontra nos “quintais produtivos” de base agroecológica e produtiva:

- Horta, horto medicinal, jardins;
- Estrutura para criação e reprodução de animais de pequeno porte;
- Sistemas agroflorestais;
- Cisterna para captação de água da chuva;
- Produção artesanal de derivados de leite, conservas, doces, sucos e artesanatos;
- Um espaço de estudo e conhecimentos do solo, das plantas, da época certa de plantar, acompanhar o desenvolvimento, a época de colher e como armazenar<sup>54</sup>.

Preencher a caderneta agroecológica é para as mulheres espaço de autocuidado e autoestima, espaço de apropriação do território e também exercício de planejamento e produção de saber, é atividade de valoração para além da medida financeira. A caderneta reúne o trabalho na terra e o trabalho na casa, a enxada e a panela, a fome e a vontade de comer. Articuladas nos movimentos de mulheres camponesas, as cadernetas apresentam opções, limites e alternativas e exigem interpretação e a decisão. Preencher coletivamente as cadernetas significa afirmar o direito de decidir na relação com os direitos da natureza.

No total, foram 879 mulheres<sup>55</sup> anotando sua produção, o que gerou 89.735 anotações diferentes, sendo que cada uma corresponde a uma linha da caderneta. Essa quantidade de anotações corresponde à diversidade total de 1.228 tipos de produtos diferentes, entre alimentos de origem animal, vegetal e mista, artesanato, mudas e sementes, plantas medicinais, serviços e outros.

<sup>53</sup> SHIVA, Vandana. Ecofeminismo. **Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, São Leopoldo, 01 set. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602416-ecofeminismo-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em: 18 abr. 2023.

<sup>54</sup> BARROS, Eliane A. de Almeida. Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos: diálogo de saberes em defesa da vida. In: ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA, 5., 2018, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2018. [n.p.]. Disponível em: <https://proceedings.science/edicc-2018/trabalhos/mulheres-camponesas-e-seus-quintais-agroecologicos-dialogo-de-saberes-em-defesa>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>55</sup> CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS ZONA DA MATA. **Cadernetas Agroecológicas**. Viçosa: CTA Zona da Mata, 2023. Disponível em: <https://ctazm.org.br/biblioteca/categoria-cadernetas-agroecologicas-48>. Acesso em: 18 abr. 2023.

## CONCLUSÃO

“[...] a conformação do sagrado não é necessariamente religiosa.”<sup>56</sup>

O saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas dialogando com os ecofeminismos escrevem uma outra cartografia sobre seus corpos e os territórios de vida. O manejo adequado e a convivência com o ambiente, a preservação da biodiversidade, e os cotidianos e recriados serviços ecossistêmicos são a base para a reconstrução de relações com a natureza, entre as pessoas do grupo social e em especial entre as “companheiras”. Este espaço, de reinvenção da economia e da solidariedade, é também espaço de beleza e espiritualidade, de recriação de valores estéticos, medicinais, espirituais, religiosos e culturais que precisam ser melhor estudados, valorizados, socializados.

A tarefa de resgatar e registrar práticas e saberes territoriais tradicionais de cuidado com a terra, com as águas, com o corpo e com a mente são plenas de espiritualidade, colocando desafios para quem estuda religião: abandonar os velhos mapas e manuais e aprender do sagrado na vida do povo, no corpo da terra.

## REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela; SCHNORRENBERGER, Neusa. Ecofeminismo e mística religiosa nos movimentos de mulheres camponesas no Brasil. *In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO*, 5., 2017, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 612-626. Disponível em:

<http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/viewFile/802/519>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ARRUDA, Angela. Representações das mulheres no imaginário brasileiro: da colonização ao surgimento da nação. **Caderno CRH**, Salvador, n. 33, p. 49-73, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18568>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BARROS, Eliane A. de Almeida. Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos: diálogo de saberes em defesa da vida. *In: ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA*, 5., 2018, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/edicc-2018/trabalhos/mulheres-camponesas-e-seus-quintais-agroecologicos-dialogo-de-saberes-em-defesa>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BARTZ, Frederico Duarte. Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937). **Cantareira**, Niterói, n. 34, p. 353-365, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/44394/28080>. Acesso em: 08 abr. 2023.

BECKER, Berta K. El uso político del territorio. Consideraciones a partir de una visión del tercer mundo. **Revista Geográfica De América Central**, Heredia, v. 2, n. 17-18, p. 13-26, 1983.

---

<sup>56</sup> CHAVES, 2000, p. 25.

Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/3014/2882>.  
Acesso em: 06 abr. 2023.

BIAS FORTES, Gabriel. Reflexões sobre o território: ideias a serem exploradas a partir do diálogo da geografia com outras ciências, **Geo UERJ**, [S.l.], n. 33, p. e35973, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2018.35973>.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p. 201-226, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868>. Acesso em: 09 abr. 2023.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción del pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. España: ACSUR-Las Segovias, 2010. p. 10-25. Disponível em: <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

CABNAL, Lorena. A recuperação do corpo como território de defesa. Entrevista concedida a Juliana Bittencourt. **Revista Eletrônica Geni**, [S.l.], n. 26, 2015. Disponível em: <https://revistageni.org/10/a-recuperacao-do-corpo-como-territorio-de-defesa/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

CARDOSO PEREIRA, Nancy. Dos filhos deste solo não sou mãe nem gentil: do imaginário da mãe-terra à crítica eco-feminista. **Caminhos**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 123-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2790/1704>. Acesso em: 07 abr. 2023.

CARDOSO PEREIRA, Nancy. **Palavras se feitas de carne** – leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. São Paulo: Católicas pelo Direito a Decidir, 2003. p. 41-42. Disponível em: <https://catolicas.org.br/books/palavras-se-feitas-de-carne-leitura-feminista-e-critica-dos-fundamentalismos/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS ZONA DA MATA. **Cadernetas Agroecológicas**. Viçosa: CTA Zona da Mata, 2023. Disponível em: <https://ctazm.org.br/biblioteca/categoria-cadernetas-agroecologicas-48>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CHAVES, Christine de Alencar. **A Marcha Nacional dos sem-terra: Um estudo da fabricação do social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Disponível em: [http://nuap.etc.br/wp-content/uploads/2020/05/a\\_marcha\\_nacional\\_dos\\_sem\\_terra.pdf](http://nuap.etc.br/wp-content/uploads/2020/05/a_marcha_nacional_dos_sem_terra.pdf). Acesso em: 16 abr. 2023.

CHAVES, Paula Nunes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Resistência *queer*: marcação do território gay no cenário heteronormativo do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-244, jan./mar. 2015. DOI: 10.5216/rpp.v18i1.32733.

CINELLI, Catiane; FREITAS, Antônia Tomé de; DAMASCENO, Thaise de Freitas. A construção da autonomia a partir da organização e formação: uma experiência no Pará. In: PULGA, Vanderléia Laodete *et al* (org.). **Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018. p. 206-229. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/mulheres-camponesas-pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da\\_Matta-O\\_que\\_faz\\_Brasil\\_Brasil.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da_Matta-O_que_faz_Brasil_Brasil.pdf). Acesso em: 03 abr. 2023.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia.** Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUNb, 1993. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nxnxn80>. Acesso em: 09 abr. 2023.

D'OLIVEIRA, Maria do Carmo Soares. Adoção das Cadernetas Agroecológicas (CAS) no Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – Procace Paraíba. In: **CADERNETAS agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020.** Salvador: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020. p. 120-121. Disponível em: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Livro-Cadernetas-Agroecol%C3%B3gicas-e-as-Mulheres-do-Semi%C3%A1rido-resultados-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

FANTE, Eliege. “As mulheres têm pertencimento, por isso, defendem com intensidade o território”. **Fundação Rosa Luxemburgo**, São Paulo, 15 set. 2022. Disponível em: <https://rosalux.org.br/as-mulheres-tem-pertencimento-e-por-isso-defendem-com-intensidade-o-territorio/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas.** São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://doceru.com/doc/151c585>. Acesso em: 14 abr. 2023.

FUINI, Lucas Labigalini. Resgate do território na geografia: uma reflexão sobre obras e autores. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 1-33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/download/18092/19955/115203>. Acesso em: 07 abr. 2023.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião.** São Paulo: Olho d'Água, 1997. Disponível em: [http://www.est.edu.br/downloads/ppg/bibliografia/Teologia\\_ecofeminista\\_25\\_75\\_Gebara.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/ppg/bibliografia/Teologia_ecofeminista_25_75_Gebara.pdf). Acesso em: 22 abr. 2023.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. O Espaço Sagrado. **Revista Senso**, Belo Horizonte, n. 16, maio/jun. 2020. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/o-espaco-sagrado/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 07 abr. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste.** Niterói: EDUFF, 1997. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15086/Des-territorializacao-e-identidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 abr. 2023.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532/144946>. Acesso em: 11 abr. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/870530/mod\\_resource/content/0/Heloisa%20Buarque%20de%20Hollanda%20-%20Pensamento%20Feminista%20Hoje%20-%20Perspectivas%20decoloniais-Bazar%20do%20Tempo%20%282020%29.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/870530/mod_resource/content/0/Heloisa%20Buarque%20de%20Hollanda%20-%20Pensamento%20Feminista%20Hoje%20-%20Perspectivas%20decoloniais-Bazar%20do%20Tempo%20%282020%29.pdf). Acesso em: 11 abr. 2023.

INSTITUTO EUCLIDES DA CUNHA. **Mural de consultas**. Disponível em: [https://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=109&busca=#:~:text=Resposta%3A,\(de%20um%20trabalho\)%E2%80%9D](https://www.linguabrasil.com.br/mural-consultas-detail.php?id=109&busca=#:~:text=Resposta%3A,(de%20um%20trabalho)%E2%80%9D). Acesso em: 23 mar. 2023.

KRENAK, Ailton. “Siempre estuvimos en guerra”. Entrevista concedida a Ana Paula Orlandi. **Humboldt – Revista de cultura digital del Goethe-Institut en Sudamérica**, mar. 2020. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/es/dos/zug/21806968.html>. Acesso em: 11 abr. 2023.

LACERDA, Marina Basso. **Colonização dos corpos**: ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16570@1>. Acesso em: 09 abr. 2023.

LEAL, Adílio Alves; FONSECA, Gildete Soares. Território: categoria geográfica das múltiplas perspectivas. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009. Montevideu. **Anais [...]**. Montevideu: Universidade da República, 2009. p. 1-12. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/10.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

LIMA, Paulo A. Dias; BAHIA, Mirleide Chaar. Religião, território e poder: notas teóricas para o debate sobre grupos religiosos. **Paper do NAEA**, Belém, v. 28, n. 3 (460), p. 1502-1514, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/8417/6157>. Acesso em: 03 abr. 2023.

LOPES, Wallace. “GEO-SAMBALIDADES”: um ensaio sobre territórios, redes e circuitos a partir de Deleuze. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 75-90, 2011. Disponível em: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/LOPES\\_Wallace.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/LOPES_Wallace.pdf). Acesso em: 08 abr. 2023.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 4, p. 36-49, 1997. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.1997.6773>.

MATTOS, Jorge L. Schirmer de; GERVAIS, Ana M. Dubeux (org.). **Agroecologia e Territórios do Semiárido**: Construindo resistências, diálogos de saberes e interdisciplinaridade. Recife:

EDUFRPE, 2019. Disponível em: <https://ppgadt.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2021/03/ANAIS-1-SEADDET.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

OLIVA, Victoria Ferreira. Do corpo-espaço ao corpo-território: o que a Geografia Feminista tem a dizer? **Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 8, n. 17, p. 139-157, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v8i17.52313>.

PANKARARU, Elisa. Pronunciamento na Campanha Tire os Fundamentalismos do Caminho! Pela Vida das Mulheres. **Instituto PACS**, 17 ago. 2020. Disponível em: <http://pacs.org.br/noticia/entidades-lancam-campanha-para-combater-fundamentalismo-religioso/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

PULEO, Alicia H. Anjos do ecossistema? *In*: FARIA, Nalu; MORENO, Renata (org.). **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, 2012. p. 29-50. Disponível em: [https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2017/07/An%C3%A1lises-feministas\\_outro-olhar-sobre-a-economia-e-a-ecologia.pdf](https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2017/07/An%C3%A1lises-feministas_outro-olhar-sobre-a-economia-e-a-ecologia.pdf). Acesso em: 11 abr. 2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. (3ª parte). Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/332764/mod\\_resource/content/1/Por%20uma%20geografia%20do%20poder%20%281%29.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/332764/mod_resource/content/1/Por%20uma%20geografia%20do%20poder%20%281%29.pdf). Acesso em: 07 abr. 2023.

RIBEIRO, Miguel; MATTOS, Rogério. Considerações sobre os territórios da prostituição de rua na área central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 57-79, 1995. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4785835.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

ROSENDAHL, Zeny. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-13, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734/5589>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SANTOS, Alberto Pereira dos. Introdução à Geografia das Religiões. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, p. 21-33, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/download/123639/119854/232668>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SANTOS, Lidia Ribeiro B. dos. **Da guerra santa ao racismo religioso: desdobramentos teóricos do conflito religioso em Salvador**. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34927/4/Lidia%20Bradyimir%20PPGA-UFBA\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20v.%20repositorio%20%281%29.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34927/4/Lidia%20Bradyimir%20PPGA-UFBA_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20v.%20repositorio%20%281%29.pdf). Acesso em: 07 abr. 2023.

SAQUET, Marcos Aurelio. Abordagens e concepções de território e territorialidade. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, n. esp. EGAL, p. 1-16, 2011. Disponível em: <https://poscomufes2014.files.wordpress.com/2014/05/abordagens-e-concepc3a7c3b5es-de-territc3b3rio1.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SCHIAVO, Luigi. Síntese e perspectiva. *In*: Moreira, Silva da A.; OLIVEIRA, de. D. I (org.). **O Futuro da Religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 171-178.

SHIVA, Vandana. Ecofeminismo. **Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, São Leopoldo, 01 set. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602416-ecofeminismo-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VIANNA, Sérgio Besserman. Apresentação. *In*: SANTOS, Carlos A. Ivanir dos; DIAS, Bruno Bonsanto; SANTOS, Luan Costa I. dos (org.). **II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: CEAP, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250>. Acesso em: 05 abr. 2023.

WACHELKE, João; PRADO, Alyssa Magalhães. A ideologia do jeitinho brasileiro. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 146-162, 2017. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2017.31400.

ZÉ VICENTE. **Ofertório do Povo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-vicente/1354487/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

**Recebido em:** 02 maio 2023.

**Aceito em:** 31 maio 2023.